



ANNA &  
LEE CARLOS  
O MISTÉRIO  
DAS ARANHAS  
VERDES HEITOR  
CONY

# O MISTÉRIO DAS ARANHAS VERDES

ANNA  
LEE



# CARLOS HEITOR CONY

## O MISTÉRIO DAS ARANHAS VERDES

4ª edição

 edipar

© 2017 by Carlos Heitor Cony  
© da coautoria 2017, by Anna Lee

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDIOURO GRÁFICA E EDITORA PARTICIPAÇÕES S.A. todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDIOURO GRÁFICA E EDITORA PARTICIPAÇÕES S.A.  
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235  
Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Imagem de capa: Image Source\Getty Images

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

C784m

Cony, Carlos Heitor, 1926-

O mistério das aranhas verdes / Carlos Heitor Cony, Anna Lee. –  
[4. ed.]. – Rio de Janeiro: Edipar, 2017.  
120 p.

ISBN: 9788500032073

1. Ficção infantojuvenil brasileira. I. Lee, Anna. II. Título

17-39621

CDD: 028.5

CDU: 087.5

# 1

Carol entrou pela casa, como um raio, disposta a resolver o assunto de uma vez por todas:

— Mãe, Flavinho sumiu de novo com a Mona Lisa!

Marta levantou os olhos da cerâmica que começava a pintar.

Desde que se divorciou de Jorge, pai de Carol e Flavinho, ela havia transformado o que era hobby em ofício. Passou a vender cerâmicas para lojas da Zona Sul do Rio, aumentando assim a renda mensal. Não queria que o padrão de vida dos filhos caísse — já tinham enfrentado problemas demais —, e a pensão que recebia do ex-marido dava apenas para o essencial.

Quando se separou, Marta decidiu deixar o apartamento em que a família morava em Ipanema. Mudara-se para uma casa em rua arborizada do Jardim Botânico. Tentava recompensar os filhos pela decisão que tomara. Transformou-se

em mãe superprotetora, a supermãe que ela, até então, evitara ser.

Pedi a Deus que lhe desse paciência para enfrentar, mais uma vez, o enrolado caso das bicicletas:

— Por favor, Carolina — só chamava “Carol” de “Carolina” quando ficava nervosa —, seu pai já prometeu que vai comprar uma bicicleta nova para seu irmão. Flavinho não vai estragar a sua!

— Sempre que sai com aquele desastrado, Mona Lisa volta suja e arranhada! Não quero que ele ponha a mão nela e pronto!

— Você devia ser mais amiga do...

A voz de Marta foi abafada por um grito vindo da calçada, seguido por um ruído de metal amassado.

Mãe e filha voltaram-se assustadas e viram entrar Flavinho, pulando numa só perna, como um saci, enquanto segurava a outra com as mãos. Pela careta que fazia, mordendo os lábios, devia estar sentindo uma dor terrível.

Marta foi ao encontro do filho e o ajudou a sentar-se no sofá, onde poderia examinar melhor a perna que, à primeira vista, não parecia ferida.

Não havia lesão visível, embora o menino se queixasse de muita dor. Por mais que insistisse, Flavinho não deixava que a mãe tocasse no ponto mais dolorido.

Esquecida de Mona Lisa — que ficara abandonada no jardim —, Carol tentava ajudar a mãe, sem muito sucesso.

Quando Marta, afinal, conseguiu olhar de perto, tomou um susto: na altura do tornozelo, a perna de Flavinho inchava rapidamente e a vermelhidão ficava cada vez maior.

— Vamos enfaixar essa perna!

O menino deu um pulo:

— Não! Daqui a pouco tá tudo bem.

A mãe conhecia o filho. Quando dizia não, nem carinho nem promessas o faziam mudar de ideia. Tinha então de apelar para a ignorância. Usando o tom dramático que os filhos já conheciam e que não admitia réplicas, ordenou:

— Vamos para o Hospital Miguel Couto agora mesmo!

Tinham um bom plano de saúde. Mas ela sabia que, em casos de emergência, o pronto-socorro era o melhor lugar para ir. Deixou o carro na garagem, não se sentia em condições de dirigir e, poucos minutos depois, apertados no banco traseiro de um táxi, ela e os filhos contornavam a Lagoa Rodrigo de Freitas.

Flavinho não estava gostando nada das perspectivas — não pensou que, um dia, Mona Lisa poderia levá-lo a um hospital.

Apesar da raiva pelo irmão, Carol também estava preocupada e tentava lembrar como tudo tinha começado.

Três aniversários atrás, quando completara dez anos, implorara ao pai uma bicicleta. Jorge e Marta, recém-separados, conheciam o temperamento agitado da filha, que, desde pequena, no colégio ou no playground do edifício,

preferia brincar com os meninos, esquecida das bonecas que se amontoavam em seu quarto.

Ao ganhar a bicicleta azul e reluzente, promoveu-a a seu tesouro principal: arranjou um lugar para ela ao lado de sua cama e batizou-a de Mona Lisa. Gostava deste nome, mas, na época, não sabia ao certo o que era nem o que significava.

Flavinho, dois anos mais novo, também ganhara a dele no Natal do mesmo ano. De início, tudo correu bem. Cada um ficou na sua. Até que o irmão cismou que a bicicleta dele era “de criança”, já estava muito grande para ela. E apaixonou-se imediatamente por Mona Lisa, não só porque era maior e mais bonita, mas também porque não era dele. Aproveitava qualquer bobeada da irmã e, quando Carol percebia, já era tarde, o irmão já ia longe, tomando o caminho que levava para as pistas que rodeiam a Lagoa.

Gritos, queixas, lamentos, lágrimas, xingamentos, nada fazia com que Flavinho tomasse jeito, até que a própria Mona Lisa resolveu tomar providências, derrubando-o no chão.

Desceu cabisbaixo do táxi, apoiado no braço da mãe, dignamente, como achava que convinha a um menino grande como ele.

O moço da recepção, onde se faz o registro das pessoas que dão entrada no hospital, pediu que Marta preenchesse a ficha, fornecendo todos os dados sobre o acidente. A perna vermelha e inchada de Flavinho havia abrandado a raiva de Carol. Imaginou que o irmão iria tomar injeções disso e

daquilo e, como tinha pavor a injeção, começou a ficar nervosa, por ela e por ele.

A seu lado, como um condenado, Flavinho esperava firme, mas em pânico, a terrível sentença que o aguardava. Carol tomou a iniciativa:

— Ele tá machucado, moço, a gente não pode fazer a ficha depois?

O homem olhou o “machucado” com a cara despreocupada e profissional. Respondeu sem pressa:

— Esse tipo de acidente aparece aqui a cada meia hora. Garanto que estava jogando bola ou andando de bicicleta. Uma pomadinha e um pouco de gaze vão resolver isso. Não precisa ficar nervosa.

Carol não teve alternativa senão sorrir para o homem que, a julgar pela aparência, devia ter levado metade de sua vida atrás daquele balcão. Parecia tão seguro do que dizia que Marta sentiu-se mais tranquila. Os três esperavam agora, em frente ao Serviço de Ortopedia, o chamado do médico de plantão. Flavinho parou de reclamar, assumindo o ar de vítima que usava, com relativo sucesso, para enfrentar situações em que se sabia ameaçado.

— Não está mais doendo? — perguntou-lhe a irmã, que sempre desconfiava de tudo que vinha de Flavinho.

— Claro que não! Eu disse que ia ficar bom, mas ninguém acredita no que eu digo!

Finalmente, a porta se abriu e apareceu um senhor de cabelos brancos, que caíam sobre a gola do jaleco estranhamente limpo e engomado para um médico de plantão do

Miguel Couto. Não quis muita conversa nem perdeu tempo examinando a perna do menino. Agachou-se ao lado de Flavinho, tocou-lhe a zona afetada.

— Vamos lá dentro. Precisamos engessar isso.

Desapareceu pela porta que separava a sala de espera da ala que dava para os ambulatórios. Carol estranhou aquilo.

— Ué! Por que nós não podemos entrar? Se doer muito? A gente devia ir junto, para dar apoio moral.

Carol tinha antipatizado de imediato com os modos distantes e misteriosos do médico.

— É assim mesmo. Pronto-socorro não tem muitas frescuras. Mas é o melhor lugar para atender acidentes.

Ao contrário da filha, Marta tinha depositado integral confiança nos cabelos brancos do Dr. João Araripe, nome bordado em azul-marinho no bolso esquerdo de seu jaleco engomado.

— Eu, se fosse você, dava um jeitinho. Mãe sempre tem o direito de ficar ao lado de um filho com a perna quebrada.

Marta estremeceu:

— Perna quebrada? Quem disse que Flavinho quebrou a perna?

— Claro. Se o médico disse que vai engessar, é porque está fraturada.

Marta comentou:

— Mas a perna não parecia quebrada. Quando incha é porque não houve fratura. E, antes de engessar, vão tirar uma radiografia.

O tempo custou a passar. Carol tomava nota: 15 minutos, meia hora, 45 minutos. Tempo demais para uma radiografia, uma suspeita de fratura.

Finalmente a porta se abriu e o dr. Araripe apareceu alisando a cabeça de Flavinho, que, apoiado no médico, arrastava uma perna branca três vezes mais grossa do que a outra. Carol tomou um susto: nunca vira tanto gesso numa perna só! Para necessitar de uma bota de gesso compacta como aquela, que chegava até o joelho, a fratura tinha sido muito grave.

— Nosso herói está pronto pra outra! — disse o médico.

Quando julgaram que tudo estava terminado e poderiam voltar para casa, o dr. Araripe fez um sinal para que se sentassem em volta de uma mesa que havia na sala de espera. Puxou da gaveta um bloco e uma caneta e começou a fazer uma série de perguntas. Indagou sobre o colégio, sobre o horário, sobre a frequência do menino às aulas, sobre seus brinquedos preferidos, sobre o nome dos amigos, qual a hora em que costumava dormir e acordar, se já havia feito alguma viagem ao exterior e mais uma porção de detalhes que pareciam não ter nenhuma relação com o acidente.

Carol ficou intrigada.

Já haviam preenchido uma ficha completa na portaria, o corredor estava lotado de pessoas à espera de atendimento, não compreendia a necessidade de relatório tão minucioso. Teve vontade de interferir, mas temeu aborrecer a mãe, pois notava a boa vontade e até o orgulho com que ela respondia a tudo, acrescentando detalhes por conta própria.

No final, como se adivinhasse os pensamentos da garota, o dr. Araripe comentou:

— Costumo fazer isso com todos os meus pacientes. Estou fazendo um arquivo. Penso em daqui a um tempo trabalhar apenas em consultório particular e, quem sabe, as pessoas que atendi poderão se tornar meus clientes.

— E a perna? Está mesmo quebrada? — perguntou Marta.

O médico olhou-a com má vontade e explicou:

— Bem... foi uma pequena fratura... sem gravidade. Hoje nem se usa mais o gesso, mas a lesão afetou uma parte delicada do tornozelo, achei melhor apelar para o velho recurso do gesso, que garante maior imobilidade da região. Por favor, não mexam e, principalmente, não deixem ninguém mexer no gesso. É fundamental para a recuperação do menino. Daqui a dez dias eu mesmo tiro.

Carol estranhou a forma autoritária como o médico fez a recomendação. Quem se interessaria em mexer numa perna engessada? Decidiu guardar a observação para si. Estava louca para ir embora, o cheiro do hospital lhe dava tontura.

Marta agradeceu a atenção dada ao filho. Comentou com Carol:

— Foi uma sorte termos caído nas mãos desse médico!

Carol engoliu em seco e calou o que gostaria de dizer a respeito dele. Reconhecia que fora mais delicado do que a maioria dos médicos que atendem nos prontos-socorros. Sempre ouvira dizer que o atendimento nos hospitais públi-

cos é de lascar. Mas achara o tal dr. Araripe misterioso e o detestara, porque lhe tirara a oportunidade de ver como se engessa uma perna. Certa vez, quando tinha seis anos, enroloou o dedo polegar com gaze e fez um supersucesso no colégio. Era uma acidentada. Até suas piores inimigas vieram ver o seu dedo, rendendo-lhe o tributo da glória.

Imagine uma perna!

Voltou a pensar em Mona Lisa. Estava ansiosa para ver o estrago. Agora que o irmão estava bem, o mais importante era sua bicicleta.

Mal saltou do táxi, Carol correu para Mona Lisa, que continuava caída num canto do jardim, coberta de poeira, o para-lama dianteiro arranhado, o selim torto e virado para trás. Fosse qual fosse sua parcela de culpa no acidente, Mona Lisa tinha um ar tão inocente que Carol voltou a sentir raiva do irmão.

— “Aquela peste!” — murmurou ela. — “Devia ter se arrebatado mais, isso sim! Queria ver como é que ia ficar com as duas pernas engessadas!”